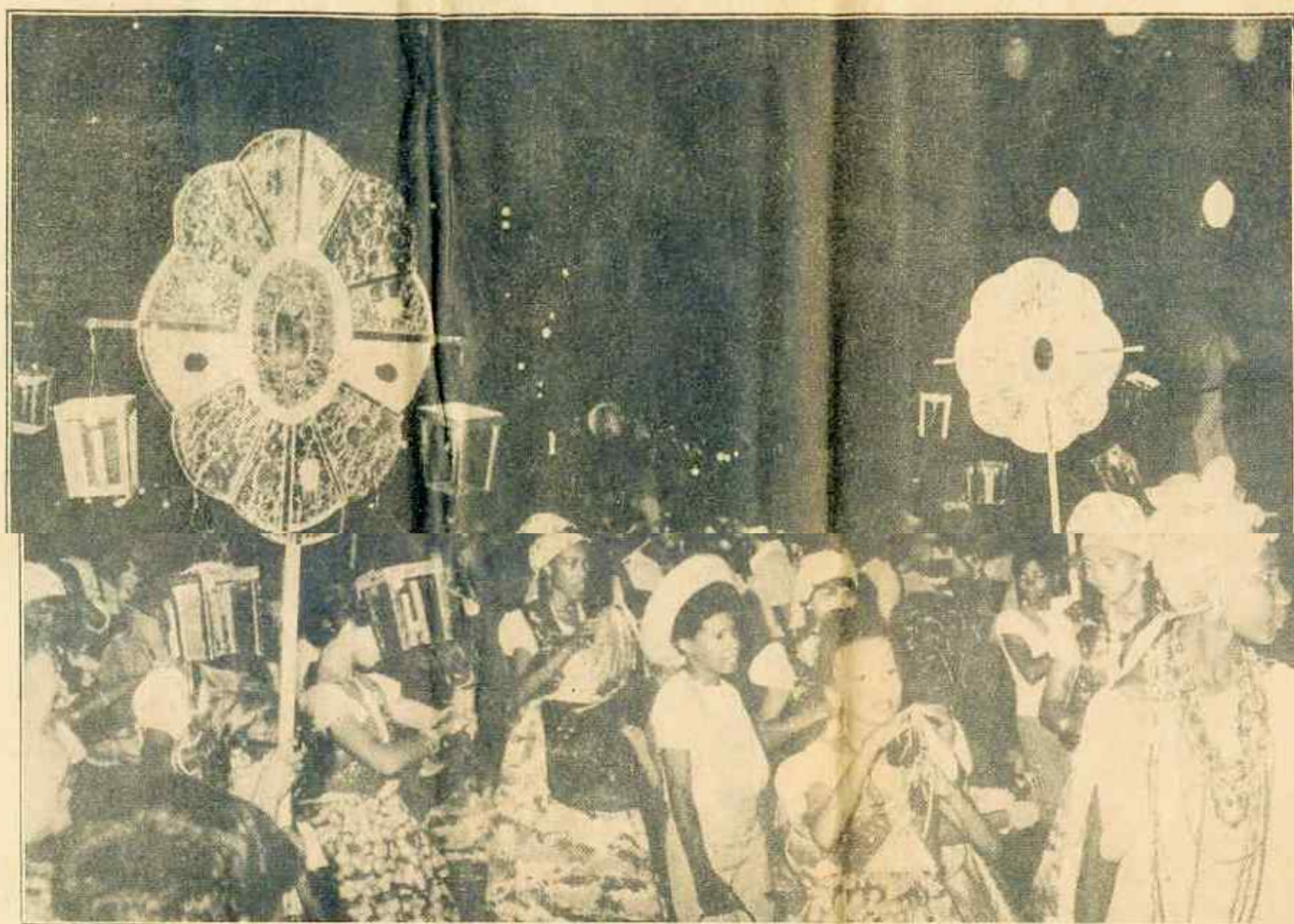


FESTA DE REIS



Os ternos mantêm a pureza

Muita coisa mudou, é certo, mas apesar de tudo a festa de Reis, na Lapinha, ainda é uma das mais puras do ciclo de festas populares da Bahia. E ontem à noite, o desfile dos ternos Rosa Menina, Terno da Terra, Terno do Sol, Terno das Flores, Terno dos Astros, Romeiros do Oriente, e Estrela do Oriente, além do Rancho do Boi, reviveu, mesmo sem o brilho de antigamente, a tradição, do jeito que o povo gosta.

O presépio, com os reis magos em tamanho natural, foi substituído por um menor, mais simples. De qualquer forma, pelo menos este ano ele voltou a ser armado na porta da igreja para receber as homenagens dos ternos e ranchos. Essa é uma tentativa de tornar mais marcantes os aspectos religiosos da festa, que vinham se perdendo nas manifestações do largo. "Era uma incoerência o presépio ficar dentro da igreja", diz o padre José de Souza Pinto, vigário da Igreja da Lapinha.

Porque a verdade é que a maioria das pessoas que vai à festa da Lapinha — como em todas as demais — nem sequer se lembra que ela é, antes de tudo, uma manifestação religiosa, da qual se originaram os festejos ditos profanos.

Conforme as tradições medievais, os reis magos eram nobres, discípulos de Zoroastro e pertencentes a uma tribo meda, na antiga Pérsia. Através de contatos feitos em viagens comerciais com o povo judeu, eles sabiam que os hebreus esperavam, o Messias. Quando Jesus nasceu em Belém, eles foram visitá-lo, seguindo a orientação de uma estrela. O número deles varia de acordo com a opinião de cada estudioso. A tradição limitou-se a três: Gaspar, o branco; Baltazar, o amarelo, e Melchior, o negro.

A estrela vista por eles foi também um acontecimento comum utilizado por Deus no seu plano de salvação do homem. Segundo a tese do astrônomo Domenico Argenterii, a estrela teria sido o belo cometa de Halley, que cruzou pelo sistema solar no ano 12 antes de nossa era.

Os presentes oferecidos pelos magos ao Menino Jesus, conforme as Sagradas Escrituras, foram o ouro, o incenso e a mirra, que no comércio antigo e na liturgia atual da igreja têm o seguinte significado: o ouro corresponde à pobreza; o incenso à castidade; e a mirra à obediência. Para alguns estudiosos, os magos seriam sábios, sacerdotes e adivinhos do antigo Império Persa. Afirmam também que eles teriam oferecido ao Menino Jesus os seus animais de viagem e suas ricas vestes.

Contudo, segundo explica o padre José, nada disso tem a ver com o Evangelho. "Com a narração da visita dos Magos a Bíblia quer nos mostrar que todas as nações, e não só o povo judeu, pertencem a Cristo. Que Cristo veio para todos. Os magos simbolizam a humanidade inteira prostrada diante do Menino Jesus. Entre nós os ternos e ranchos representam as figuras destes magos".

— Para nós, cristãos do mundo de hoje, essa festa é mais uma exortação a adorarmos Jesus nosso Salvador. Adorar a Jesus é aceitar o seu Evangelho em nossas vidas. Aceitá-lo é um comprometimento com Deus e nossos irmãos num agir com justiça pela paz na concretização do amor.

Visando chamar a atenção para isso, o padre José começa a preparar a comunidade da Lapinha para a festa de Reis desde a noventa do Natal. Este ano fez com o grupo de

Apesar das mudanças, que segundo os mais antigos participantes deturparam o seu caráter, à Festa de Reis no Largo da Lapinha conserva ainda o tradicional desfile de ternos e ranchos, que ontem voltaram a se apresentar no local. Os aspectos mais originais são mantidos também por antigos moradores da Lapinha, que renovam todo ano o costume de oferecer comidas típicas a visitantes amigos. Mas para o padre José de Souza Pinto, vigário da Igreja da Lapinha, o importante é destacar o aspecto religioso da festa, para o que ele fez um trabalho de preparação com um grupo de casais.



casais um estudo dos aspectos das festas populares e também distribuindo, em grande quantidade, um panfleto explicando as origens e a razão da festa. Hoje, às 8 e às 8:30 horas, haverá missa, e às 19:30 haverá celebração solene com a participação de dez padres, na qual será lida mensagem do cardeal Aveiari Brandão Vilela.

Mas o ponto alto da festa, o que mais desperta o interesse das pessoas, é o desfile dos ternos e ranchos que começou à meia-noite de ontem e terminou na madrugada. Dona Lídia França, moradora do local há mais de 30 anos, conta que ficava até de manhã assistindo o desfile, no dia 5 e, no dia 6, deixava-se com a disputa dos porta-estandartes no palanque. "Era uma coisa linda, linda. Eles dançavam valsa, mazurcas, tango argentino, samba. Tudo que se pensar. Hoje eu nem vou no largo".

Também dona Antonina Bittencourt, lamenta as modificações heitas na festa. Acha que o grande número de barracas atrapalha muito. "Já não se pode passear com tranquilidade nem ver o desfile. Quando não vinha tanta gente havia mão e contramão para a movimentação das pessoas. Hoje é impossível, ninguém se entende".

Dona Antonina, a exemplo dos outros moradores do local, em noite de Reis costuma fazer iguarias baianas (caruru, vatapá, efb, sarapatel) para oferecer aos visitantes. Este ano ela diz que fez só "um caruzinho para os parentes e conhecidos que vêm aqui. Eu não chamo ninguém, mas me preparo porque sei que sempre vem".

Dona Lídia, 85 anos, lembra maravilhada quando o Terno do Sol do Oriente chegava à Lapinha. "Era o último e vinha de manhãzinha, com o sol nascendo. Até minha irmã organizava terno, era A Pedrada, só de crianças. Era uma beleza a festa da Lapinha, mas é isso mesmo, tudo se acaba. Eu mesma já estou me acabando... Hoje é um bolo só. Antigamente tinha barulho, tinha arruaça mas não é como hoje, que o povo enche a mesa de bebida, não tem dinheiro para pagar e tá feita a briga, tem até morte".

Dona Antonina confirma: "Se bebia muito pouco. Tinha mais caldo de cana e muita moqueca de peixe, acarajé, caranguejo. Eu fazia batida de caju na minha casa e muita comida. Na rua, a festa era mais organizada. Tinha coreto com banda, tinha calma pra se andar e encontrar os conhecidos... Era mais bonito. Hoje dá seis horas da noite, interrompe o tráfego... Já vi matar um homem aqui na minha porta!".

Nos tempos tradicionais as pastoras se apresentavam com vestido de estopinha branca, chapéu de palha, fabricado com palmito de ouricuri enfeitado de fitas, cajado de fitas; cestas com flores no braço e pequeno pandeiro de folha de flandres.

Os pastores trajam roupas brancas, chapéu de ouricuri enfeitado, ostentando castanholas de jacarandá, com fitas coloridas. A charanga compõe-se geralmente de violão, flauta e viola. Assim dispostos vão à Igreja da Lapinha, em meio a cantorias que se ouvem em todo o trajeto, iniciado no Campo Grande. Fazem a adoração ao Menino Jesus dançando no palanque armado em frente à igreja e depois andam pelas ruas do bairro.

Cada terno tem um emblema indicativo da sua designação, feito de folha de flandres, conduzido na cabeça de um homem, que se exhibe dançando ao som de uma orquestra de vozes, pandeiro e violas. Os ternos já admitiram vestimentas carnavalescas bem enfeitadas e também criaram um balão, à imitação dos antigos batalhões de caçadores. Depois substituíram-no por um mestre-sala, espécie de arauto, bem trajado, que é o dançarino do grupo.